

Quando a união quer fazer a força mas não deixam

Mara Ribeiro*

Publicado originalmente no Portal Itapedigital (Sorocaba/SP) em 27/08/2009

Eu tentei descobrir porque é que meus dois filhos, a menina de 19 e o menino de 15 anos, tem medo da polícia. Conversando com eles que participaria da Conferência de Segurança Pública foi que descobri e me assustei. Achava que essa imagem havia se diluído e ao ver uma viatura por perto a sensação seria de segurança e não de medo. Mas eles têm medo sim. Talvez porque acompanham pela televisão a ação dos policiais fardados sempre reprimindo com muita violência quem estiver em seu caminho. Seja em batida policial na favela, ou na rua, em manifestações de estudantes, de trabalhadores ou dos próprios policiais, em greve, como se viu esse ano em São Paulo. Polícia contra Polícia.

Mas, conversando com eles, disse que havia toda uma mobilização no país, lindíssima, nesse primeiro Congresso de Segurança Pública e que, policiais civis e militares e membros da sociedade civil estavam se encontrando para discutir os rumos da segurança pública. Eles ficaram surpresos. E eu mais ainda. Jamais imaginei, como jornalista, encontrar numa mesma sala, discutindo de igual para igual, não apenas a nata de cada segmentos, mas todos os setores das policiais militar e civil, professores, ativistas sociais, jornalistas e representantes das minorias, como um dos delegados eleitos, representante dos moradores de rua de São Paulo.

Quando poderíamos imaginar que isso aconteceria? O nosso Brasil acaba de sair de um regime autoritário. No final da década de 70 estávamos em abertura gradual. Em 80, quando eu estava na faculdade ainda havia muito resquício do medo. São pouco mais de 30 anos de uma liberdade experimentada ainda. A geração do silêncio aprendeu a falar e participa sempre que é prestigiada. E o primeiro Congresso de Segurança Pública é um palco muito especial para refletir esse novo momento. Finalmente essa discussão acontece. Estou surpresa mas, confesso, com um pouco de medo.

Medo da manipulação. Medo do conflito de interesses calar a voz da maioria. Da tentativa de se maquiar propostas legítimas em defesa de um *status quo* que já não se valida mais perante a sociedade. Estou falando da tentativa de se ludibriar o pedido mais votado nas discussões do Conseg. A Desmilitarização da Polícia.

Particpei do Grupo que discutiu Prevenção Social do Crime e das Violências e Construção da Cultura da Paz. Desse grupo saiu o item mais votado em todo o Congresso em São Paulo, com mais de 400 votos. A Desmilitarização da Polícia. Como resultado: A União das Polícias. O conforto de se continuar trabalhando dentro de um esquema e hierarquia que parece consolidada é pecar pela omissão. Omissão de acreditar que está funcionando. Omissão de não querer olhar para uma nova possibilidade. Omissão de achar que a divisão é mais forte que a soma.

Somar é necessário, para dividir esforços, competências, conhecimentos, estrutura, vivências. Para que termos duas polícias para uma única sociedade? Porque existe tanto receio de se unir as polícias, quando a gente aprende, desde muito cedo, que a união faz a força sim. A união transforma sim. A união agrega interesses comuns e os transforma em sociedades mais justas,

ordenadas e igualitárias, sim. Mas tem quem não a quer, não a aceite e não vai deixar que aconteça. Mesmo sendo a vontade da maioria.

Não é a toa que a sociedade civil se mobilizou para participar do Conseg. Ela quer essa união. E estamos aqui para lutar por ela. Principalmente porque sabemos do despreparo das Polícias, e principalmente a Militar para atuar ao lado da população, pois foi criada para defender o Estado e não para defender a sociedade civil. Esperamos que essa voz coletiva, essa vontade necessária não seja subjulgada em prol dos interesses e conforto de uma minoria. São muitas propostas importantes a serem discutidas junto a essa que, acreditamos, ser fundamental para que todas as outras se concretizem.

A partir da União das Polícias todo um sistema novo, todo um pensamento novo pode surgir atendendo aos anseios da população. E se não for para atender aos anseios da população para quem, afinal de contas, está trabalhando a Segurança Pública no País?

* Mara Ribeiro, jornalista, membro da Aliança Internacional de Jornalistas que atua em prol de uma prática de jornalismo mais responsável. A entidade foi criada na França e tem pólos no EUA, Europa, Brasil e Ásia.